

Três Tipos de Sabedoria: Estudo, Reflexão & Meditação

REVISTA SATI entrevista Stephen Batchelor

REVISTA SATI: O tema da edição inaugural da Revista Sati é o papel do estudo na prática do Dhamma. Você tem comentários gerais a fazer a respeito desse tópico?

STEPHEN BATCHELOR: Eu acho que há uma tendência no mundo budhista, particularmente no Ocidente, de ver o estudo como um adjunto não essencial à “prática”. Isso reflete o quanto a comunidade do Budhismo Ocidental carrega o legado da década de 1960, que era um movimento romântico, anti-intelectual, que denegriu o estudo e a teoria em favor da experiência direta. É compreensível o motivo pelo qual isso ocorreu naquele tempo, mas acho perigoso perpetuar essa visão. Ela arrisca o surgimento de uma discussão acrítica do ensinamento do Buddha, de forma a não propiciar um relato racional e coerente do que é a prática budhista. Se houver contradições internas no que alguém diz, isso não parece um grande problema, afinal, alguém pode contrair os ombros dizendo que são “apenas ideias”.

A tradição budhista, no entanto, possui uma forte linha racional e crítica que a percorre. Os textos pāli não dão a impressão de que o Buddha é um romântico amante do paradoxo. Ele é um dialético muito hábil. Ele questiona e raciocina com rigor e clareza, e possui uma enorme habilidade na utilização de metáforas. Ele possui uma grande sensibilidade em relação ao poder da linguagem e das palavras e como utilizá-las de maneira transformativa e frequentemente provocativa. Ele foi a fonte da tradição que deu origem aos grandes pensadores budhistas, tal como Nāgārjuna, que desenvolveu o lado crítico e racional dos ensinamentos do Buddha e que deram origem às diferentes escolas da filosofia budhista.

As partes mais valiosas no meu treinamento como monge não foram ferramentas de meditação, mas sim a dialética, debate e análise racional de textos. Isso foi extremamente útil. Enquanto criaturas que usam linguagem, estamos ligados aos princípios da racionalidade e da razão, simplesmente para que as coisas façam sentido. Se a comunidade budhista vai ser capaz de comunicar as suas ideias e valores com o público em geral, precisará de ter um discurso coerente e racional. Penso que se abandonarmos isso, o faremos em nosso próprio prejuízo.

O estudo é parte integrante da prática budhista. Recordo um lama mongol chamado Geshe Ngawang Nyima com quem estudei uma vez. Ele lecionava uma aula de lógica budhista. Então, alguém lhe perguntou: “Geshe-la, por que razão temos de estudar tudo isto? Por que não nos dedicamos mais à prática?” E ele respondeu: “Se soubessem realmente como estudar, estariam a praticar”. Aprender a pensar claramente, a expressar-nos com clareza: são ambas práticas do Dhamma em si mesmas.

Além disso, o estudo nos permite estabelecer uma relação mais próxima com a tradição. Permite ainda uma noção muito mais clara sobre a origem das ideias e de como são expressas. Hoje em dia esses estudos possuem ênfase na análise histórica, o que favorece ainda o entendimento de como os ensinamentos atribuídos ao Buddha são usualmente entendidos como uma resposta aos assuntos, ideias e visões filosóficas de seu tempo.

REVISTA SATI: Durante o tempo do Buddha, o estudo fazia-se através da transmissão oral e atualmente faz-se através de múltiplos canais de mídia. Você acha que isso tem alguma influência sobre a qualidade ou o âmbito do estudo?

BATCHELOR: Não. São apenas maneiras diferentes de armazenar e recuperar informação. Quer um texto esteja escrito em papel, armazenado no disco rígido de um computador ou gravado na estrutura neurológica de seu cérebro, é sempre inscrito em algum lugar. No entanto, estou muito contente por ter memorizado tantas coisas. Tenho um banco de dados considerável de doutrinas budhistas e definições de termos que foram adquiridas nos meus vinte e poucos anos, e ainda estão acessíveis, embora sem dúvida a idade e a senilidade eventualmente os apaguem. Acho que o material memorizado está mais à mão. Estamos muito mais íntimos com ele.

REVISTA SATI: Você encoraja os estudantes a memorizar textos?

BACHELOR: Não. Não faz parte da nossa cultura e não estamos treinados para fazê-lo – além disso, temos acesso quase instantâneo a uma vasta quantidade de material através da internet. Contudo, penso que é importante para qualquer praticante sério memorizar as listas budhistas fundamentais, como as quatro verdades, os cinco agregados, os doze elos da originação dependente, as quatro fundações da vigilância e outras. Isso é útil tanto como um apoio de memória na leitura de textos como para prover temas para reflexão e contemplação contínuas. Fico sempre chocado quando conheço um professor budhista que parece não ter interiorizado pelo menos essas doutrinas primárias.

REVISTA SATI: Como o estudo orientou a sua prática anteriormente em comparação a como você agora o utiliza para embasar a sua prática de meditação?

BACHELOR: Meu envolvimento com o Budhismo sempre teve um forte componente de estudo. Muito dos meus primeiros anos de formação como monge foi conduzido por um profundo estudo de textos clássicos Mahāyāna. Um dos estudos mais intensivos que fiz foi do *Bodhicariyavatara* de Shantideva. Passei um ano seguindo metodicamente por este texto e por um comentário tibetano do século 12 com o meu professor Geshe Dhargyey. Depois passei os quatro anos seguintes traduzindo-o para o inglês. Foi uma experiência muito valiosa. Permitiu-me internalizar a refinada compreensão do Dhamma de outra pessoa e trabalhar muito próximo dela. Desde que saí da tradição tibetana não estudo tão sistematicamente. Na Coreia, quando não estava fazendo a prática zen formal, eu passava muito tempo lendo textos zen clássicos. Nos últimos vinte anos tenho me dedicado a ler os Suttas e o Vinaya do Cânone Pāli. Também comecei a aprender pāli - e ainda sou muito mais um amador e iniciante. Arrependo-me de não ter aprendido isso quando estava em meus 20 anos, uma vez que quando você passa dos 50 torna-se muito mais difícil dominar outro idioma.

O estudo influencia minha prática de meditação, provendo um quadro mais claro de referência que dá significado e propósito. Para ter significado, experiências que temos na meditação precisam ser traduzidas em alguma forma de conceitos e palavras. Se somos budhistas praticantes, então certamente precisamos ser tão claros quanto possível em relação ao arcabouço budhista de significado. Em seu sentido mais amplo, a prática envolve dois processos paralelos: aqueles da experiência direta e a articulação conceitual e verbal. Eles misturam-se e se entrelaçam, às vezes de maneiras que são difíceis de descrever.

No *Dīgha Nikāya* 33, Sāriputta menciona três tipos de inteligência (*paññā*). Esse é também um modelo que eu aprendi na tradição tibetana. Existe a inteligência que surge do ouvir (*sutamaya paññā*), a inteligência que surge do pensar (*cintamaya paññā*) e a inteligência que surge do cultivo ou treinamento (*bhāvanāmaya paññā*). Você começa por ouvir os ensinamentos, e assim adquire informações. Mas a informação por si só é insuficiente. Você, então, reflete sobre o que já ouviu falar de uma forma que permite a você internalizá-la, de modo que ela se torna parte de uma visão coerente e consistente de si e do mundo. Mas esse exercício racional, conceptual, ainda não é suficiente. Sejam quais forem os insights e a compreensão que você adquira através de tal reflexão, isso precisa ser traduzido em experiência real. Isso é feito através de *bhāvanā*, cultivada através do treinamento da meditação, de forma que aquilo que começou como uma ideia seja trazido ao ser como uma experiência vivida.

Por exemplo, você ouve que todas as coisas são impermanentes. Isso é apenas informação. Então você pensa sobre as implicações. “*Se eu sou impermanente, quer dizer que eu vou morrer*”. “Impermanência” começa a se tornar uma ideia-chave que dá forma ao modo como você dá sentido a quem você é como pessoa e ao tipo de mundo em que você vive. Mas isso se torna um entendimento existencial apenas se você começa a experimentar diretamente a impermanência das coisas por você mesmo. Você entende por meio da conscientização vigilante que a impermanência é um aspecto da sua vida e não somente uma ideia. Tornando-se sensível repetidamente a essa marca de ser, ela se integra ao seu sentido de quem você é. Eu sempre achei esse um meio útil de apresentar o processo da meditação vipassanā.

REVISTA SATI: Você tem alguma recomendação para um iniciante a respeito de por onde começar usando o estudo para instruir a prática?

BACHELOR: Gostaria de sugerir começar diretamente com os próprios suttas, e só depois ir para as obras comentadas. Meu primeiro contato com os suttas em pāli foi através do ‘The Life of the Buddha’ de Ñāṃamoli Thera. Eu o li quando era um monge budhista tibetano, e isso abriu o mundo do cânone pāli para mim. É uma maravilhosa antologia de textos chaves canônicos. ‘In the Buddha’s Words’ de Bhikkhu Bodhi é também uma antologia que bem vale a pena estudar. O problema com qualquer antologia, no entanto, é que ela vai inevitavelmente refletir as preferências do autor ou da ortodoxia a qual ele pertence, o que pode não corresponder aos seus próprios interesses e necessidades. No entanto, simplesmente mergulhar em linha reta no cânone pode ser bastante assustador e desconcertante simplesmente porque há tanto material. No meu caso, eu busquei os suttas que tratam de Māra, por serem particularmente úteis, mas nenhuma das antologias que eu mencionei lhe dá muita importância. Em algum ponto, você provavelmente terá de seguir o seu próprio nariz. Você precisa encontrar os textos que falam de sua própria condição, ao invés de se sentir religiosamente obrigado a ler os suttas que a tradição tem considerado importantes.

No começo, é importante encontrar um professor que possa ajudá-los a encontrar seu caminho através deste atoleiro de textos. Uma vez que vocês tenham encontrado um ponto de apoio nesse material, vocês poderão seguir seu estudo por conta própria, procurando passagens relacionadas onde o Buddha ou um de seus monges desenvolve e elabora sobre o tema de seu interesse. Isso vai requerer um tanto de trabalho braçal, algumas vezes levando a becos sem saída, mas, se vocês persistirem, perceberão que depois de um tempo o estudo se torna um tipo de aventura, que pode levar a descobertas e insights incríveis. Se o estudo se torna uma prática, então precisa se tornar uma busca em aberto e seguir suas próprias intuições. Penso que é desse jeito que devia ser. Mas ortodoxias tendem a dizer: “Isto é o que o ensinamento do Buddha realmente significa”, então seletivamente apresentam os textos que dão apoio à visão ortodoxa. Isso pode ser um ponto de partida útil, mas se vamos realmente nos envolver com esse material, temos que torná-lo nosso.

REVISTA SATI: O senhor mencionou anteriormente que estudou pāli. Acha importante estudar os textos na sua língua original?

BACHELOR: Receio que sim. As traduções em inglês, seja qual for a competência do tradutor, vão sempre omitir algo face ao original. Estaremos, inevitavelmente, sujeitos à tendência do tradutor. Toda tradução, como diz o clichê, é interpretação.

Nós somos muito afortunados em termos tantas traduções diferentes dos textos primários em pāli disponíveis em inglês. Se você estiver estudando um sutta, leia tantas versões diferentes quanto você puder. Não confie apenas em um tradutor. Isso vai permitir que você veja os diferentes tons de significado que uma única palavra em pāli pode possuir. Cada tradutor ajuda você a ter uma noção das nuances de uma palavra pāli. É pouco provável que qualquer termo numa língua clássica tenha um exato equivalente um-para-um em inglês. No entanto, o tradutor é sempre obrigado a escolher uma palavra em inglês entre várias opções possíveis. Além disso, é muito provável que a palavra escolhida em inglês carregue associações que a palavra pāli não tem. Ela terá ressonâncias para você como um falante de inglês que a palavra pāli pode não ter para um leitor de pāli.

REVISTA SATI: O senhor vê entre os professores ocidentais contemporâneos de vipassana ou outros professores budhistas contemporâneos um movimento no sentido de propor o estudo a seus estudantes?

BACHELOR: Bem, alguns o fazem, outros não. Mas eu não diria que vejo um movimento. Nos programas dedicados aos praticantes oferecidos em *Spirit Rock*, por exemplo, existe o reconhecimento de que para compreender o Dhamma você necessita fazer mais do que apenas ser proficiente na vigilância, portanto é dada certa ênfase à aquisição de algum conhecimento dos textos tradicionais. Mas eu continuo a ter a impressão de que estudar e pensar são vistos como algo opcional, um adjunto para o que realmente importa, i.e., meditação.

Por outro lado, eu não vejo porque os meditantes devam ser forçados a estudar textos em pāli se isso não se ajusta ao seu temperamento ou se encaixa na sua forma de incorporar a prática nas suas vidas.

Há ainda esta ideia comum de que os textos só fornecem conceitos, mas o que realmente importa é a sua própria experiência. Isso pode ser verdadeiro até certo ponto. Mas ‘a experiência’ pode ser vaga e enganadora também. A sua experiência poderia não ser nada mais do que um entendimento bem particular e subjetivo em relação a algo. A minha experiência da meditação tem sempre servido como um parceiro de conversação com o meu conhecimento da tradição textual. Vejo os dois, estudar e experienciar, como tendo uma relação interativa. Certamente eu não confiaria somente na minha experiência sozinha. Eu sempre iria querer verificá-la com a sabedoria da tradição. De outro lado, eu não iria querer ser como um escravo dedicado à autoridade de uma tradição textual, sem ela ter alguma conexão com minha própria vida. Em outras palavras, a prática do Dhamma é uma contínua conversação, até mesmo uma discussão com a própria tradição. Você medita, você faz retiros, então você volta aos textos e reflete, mais ainda, você verifica o seu significado. Isso ajuda, informa, clarifica e integra as suas experiências, para que quando você volte à almofada, você traga aquele conhecimento da tradição na forma subliminar.

REVISTA SATI: Você encoraja o estudo dos comentários tradicionais? E sobre os escritos mais contemporâneos sobre Buddhismo?

BATCHELOR: Não acredito que qualquer tradição de comentários tenha a palavra final sobre o significado dos textos canônicos primordiais. Não sou um seguidor do Theravāda e não tenho qualquer simpatia pelos comentários do século V feitos por Buddhaghosa. Também há muito o que se aprender de estudiosos como Richard Gombrich, que não são necessariamente budistas praticantes, mas dedicaram anos de vida ao estudo de textos canônicos, utilizando os métodos críticos e históricos ocidentais. Gombrich e outros buscam situar os suttas de Buddha no contexto da Índia do século V a.C., onde eles foram ensinados. Sinto que isso é crucial para nosso entendimento do Dhamma. Buddha não ensina num vácuo ou de alguma perspectiva transcendental, mas no contexto de uma cultura em resposta a crenças particulares daquele tempo, em diálogo com pessoas de um tipo específico de sociedade. Estudos modernos atuais conseguem nos dizer muito sobre o tipo de mundo no qual o Buddha atuou.

REVISTA SATI: Quais são algumas das armadilhas de combinar o estudo com a prática da meditação?

BATCHELOR: Bem, eu suponho que você poderia se deixar levar e adiar um pouco a sua meditação porque você é mais fascinado com algum problema técnico na gramática pāli. Mas se a sua abordagem do Dhamma envolver um compromisso pessoal e você mantiver seus objetivos mais amplos em perspectiva, você ficará bem. Se você tem um bom professor e uma comunidade de apoio, isso deveria ser suficiente para impedi-lo de se tornar um praticante cego ou mesmo um erudito neurótico.

REVISTA SATI: O estudo pode levar ao pensamento discursivo e a *papañca*?

BATCHELOR: Você quer dizer que a meditação não pode? O estudioso e o meditante igualmente devem estar alertas às suas próprias tendências para proliferação de pensamentos desnecessários. Eu não penso que o estudo é mais ou menos propenso a essas coisas do que a meditação. Você pode sentar em meditação enquanto sua mente vagueia por todo lugar, gerando todos os tipos de teorias fantásticas e histórias. Esse tipo de objeção ao estudo, de novo, reflete o viés antiintelectual, romântico de muitos estudantes de Buddhismo. Nós realmente temos que superar isso e tentar alcançar uma noção mais integrada de estudo e prática, ao invés de constantemente ficar desconfiado de que o estudo vai nos levar para longe do caminho. Por que não nos preocuparmos que a meditação pode nos tirar do caminho? Há também armadilhas na prática de meditação; nós podemos acabar em variados tipos de estados estranhos e autoiludidos. Estudo e reflexão cuidadosa, porém, podem servir como uma proteção útil contra tais perigos.

REVISTA SATI: No seu mais recente livro “Confession of a Buddhist Atheist” você dá uma interpretação secular sobre a vida de Buddha conforme representado no suttas em pāli que difere da abordagem tradicional, mais religiosa ou mitológica, que tem sido ensinada historicamente. Como você pensa que sua abordagem pragmática afetarà a forma como os estudantes ocidentais estudam e praticam o Dhamma?

BACHELOR: Bem, pode não ter qualquer efeito. Isso depende se os estudantes estão dispostos a levar minha escrita a sério. Para mim, eu descobri que quanto mais humano o Buddha se torna, mais seus ensinamentos conectam-se com a experiência no mundo real e são menos uma receita para a transcendência. A vida de Buddha é, em si mesma, um ensinamento do Dhamma. Isso nos mostra como o Buddha abordou as situações específicas do seu mundo sócio político. Isso mostra como ele não era indiferente ao sofrimento daquele mundo. Ele estava constantemente envolvido com pessoas: não só seus monges, mas governantes poderosos, comerciantes ricos, oponentes religiosos, simples agricultores, seus parentes ambiciosos. Ele tinha que fazer o que fosse necessário para garantir a sobrevivência de seus ensinamentos e comunidade. Os suttas nos mostram como o Buddha ensinou não apenas com palavras, mas, também, com suas ações. O Buddha lutou com o mesmo tipo de questões e conflitos que nós. Ele foi cercado por toda sorte de crises, ameaças, escândalos e compromissos.

Ao humanizar o Buddha, humaniza-se o Dhamma. Contudo, isso não significa que devemos rejeitar os famosos relatos míticos sobre a sua vida. A história do príncipe Siddhattha crescendo no seu palácio e tendo as quatro visões é um mito universal poderoso que vai direto ao centro do dilema existencial da humanidade. Porém, nada diz sobre a vida de Siddhattha Gotama como filho mais velho de uma oligarquia local, numa república em decadência, no século V antes de Cristo, em Kosala. Desde que não confundamos mito com história, podemos apreciar o valor de ambos.

Como um ocidental, estou formado tanto por uma tradição secular, que valoriza a historicidade, e por uma tradição religiosa, onde a narrativa da vida de Jesus tem um papel central em sua mensagem. Não se pode separar os ensinamentos de Jesus nos evangelhos do drama de sua vida. A vida é o ensinamento. O mesmo também é verdade para grande parte do Antigo Testamento. Mas, no Budhismo, essa dimensão narrativa nunca teve muita ênfase. Temos a lenda de como Siddhattha Gotama tornou-se Buddha. E então temos o Dhamma. Após o despertar, ouvimos sobre uma série de episódios desconexos, cujo principal propósito é definir o cenário do ensinamento e, finalmente, o Buddha morre em Kusinara. Eu me pergunto se essa é uma das razões pelas quais o Budhismo geralmente tende à abstração, transcendência e indiferença em relação aos assuntos mundanos.

Então, de uma maneira, o que estou fazendo neste livro é prover uma leitura historicamente consciente da vida do Buddha. Estou procurando um evangelho - como narrativa que pode tecer os fios do ensino juntamente com os da vida. Minha busca pelo Buddha histórico tem servido para fundamentar a doutrina dele no mundo. O modelo de vida do Buddha também me desafia a aplicar o Dhamma no contexto social, econômico, político e religioso em que vivemos. É uma abordagem assumidamente pragmática e secular. Se budistas escolhem para modelo de suas vidas o liberto arahant ou o idealizado bodhisattva Mahāyāna para esse assunto, ao invés de seguir o exemplo de Siddhattha Gotama, então eu me pergunto como o Budhismo vai encontrar uma voz convincente para abordar as questões prementes do nosso mundo hoje. Isso é importante. Eu não quero que o Budhismo se torne um gueto.

REVISTA SATI: O que quer dizer com “gueto” (“guetizar”)?

BACHELOR: Quero dizer que você pode ter vários grupos budistas que estão muito absorvidos naquilo que estão a fazer, mas têm relativamente uma pequena interação com o mundo exterior de que fazem parte. Até certo ponto isso é inevitável com qualquer novo movimento religioso. Ainda estamos a trabalhar na direção de uma linguagem e identidade budista ocidental até um momento em que os budistas deixem de ser percebidos como uma espécie alienígena. Temos ainda o que percorrer antes que uma pessoa mediana andando na rua não ache estranho quando uma pessoa como eu, não asiática, lhe anuncia que é budista.

REVISTA SATI: Em nossa cultura, além do Cristianismo, temos a religião da psicologia. O que você acha do impacto da psicologia ocidental no Budhismo na América?

BATCHELOR: Se você observar a forma como o Budhismo entrou em diferentes culturas no passado, verá uma tendência para encontrar pontos de interesse comum na nova cultura que o acolhe. No caso da China, por exemplo, o Budhismo atraiu taoistas, os quais tinham interesse na meditação. No mundo ocidental, não é de estranhar que o Budhismo atraia pessoas interessadas em psicologia. Os monges budhistas analisam as causas do sofrimento, por exemplo; isso imediatamente nos parece como psicologicamente perspicaz. Mas é um processo de mão dupla. Como os professores budhistas reconhecem o interesse dos psicólogos e dos terapeutas, eles tendem a realçar os aspectos psicológicos do Dhamma, mais do que fariam se estivessem ensinando em sociedades asiáticas tradicionais. Por outro lado, seria preocupante se o Budhismo, no Ocidente, fosse excessivamente determinado pelo discurso psicológico e evoluísse para uma espécie de psicoterapia espiritual. Isso seria demasiado reducionista. A prática do Dhamma abarca a totalidade do Nobre Caminho Óctuplo. Trata-se de um modo de vida integral que equilibra percepções filosóficas, compromisso ético, meio de vida correto, disciplina espiritual e a formação de comunidade. Enfatizar demasiadamente sua dimensão psicológica leva ao risco de perder de vista a sua realidade complexa como uma cultura que aborda todos os aspectos da necessidade humana.

REVISTA SATI: Como podemos saber quais partes da tradição brâhmaṇica foi aceita e qual foi rejeitada pelo Buddha?

BATCHELOR: É muito importante que entendamos os ensinamentos do Buddha no contexto de seu tempo. E há muito material no cânone em que o Buddha parece aceitar elementos do ensinamento indiano tradicional. Ainda assim, devo confessar que o que eu acho menos interessante e proveitoso no Budhismo são exatamente os elementos que ele compartilha com o Hinduísmo: o renascimento, o karma como um esquema de manter a moral de acordo com as escrituras, o objetivo de se livrar do ciclo de nascimento e morte, a ideia de que existe uma consciência transcendente ou absoluta que apoia a experiência dos fenômenos. Não apenas essas ideias não me dizem nada, como elas frequentemente parecem obscurecer o que foi o pensamento original e característico do Buddha: o princípio da originação dependente, as quatro nobres verdades, a atenta conscientização dos fenômenos da experiência e a ênfase na autodependência. Admito que meu enfoque é subjetivo. Estou preocupado com aqueles ensinamentos e textos que abordam minha condição como ser humano aqui e agora e proporcionam uma estrutura inspiradora e prática para viver neste mundo.

Não acredito que o Buddha tivesse uma teoria metafísica detalhada que tentou impor ao mundo independentemente de quem estivesse abordando. Ele era um situacionista. Seus ensinamentos foram dados a pessoas específicas, em situações específicas, em momentos específicos de suas vidas. Ele considerava a si mesmo como um médico e a seu Dhamma como um remédio. Prescrevia tratamentos diferentes para pessoas diferentes em diferentes situações. Essa é a grande mensagem dos ensinamentos do Buddha. Não é dogmática ou doutrinária, mas terapêutica e pragmática. Claro, estou seguindo minhas próprias intuições sobre o que é universal em sua visão do que a vida humana poderia ser. Não estou interessado naqueles ensinamentos que são inteligíveis apenas para aqueles que defendem uma visão indiana do mundo. Duvido que o Budhismo vá muito longe no mundo moderno se alguém insistir que para realmente entendê-lo e praticá-lo você deve primeiramente abraçar a cosmologia da Índia antiga. É provável que tal insistência condene o Budhismo à marginalidade. Também não acredito que a ciência irá um dia finalmente reivindicar esses dogmas. Isso é uma esperança vã. Talvez Buddha acreditasse em algumas dessas coisas. Não vejo problema nisso - como todas as pessoas, ele foi um produto de seu tempo, e os seus ensinamentos foram incorporados em algum grau no contexto da sua cultura indiana. Mas não acredito que essas crenças sejam o que é realmente universal e libertador sobre o Dhamma de Buddha.

Stephen Batchelor é um ex-monge nas tradições tibetana e do Zen coreano. Ele ensina meditação e Budismo em todo o mundo e é autor de vários livros, incluindo “Budismo sem Crenças”, “Living with the Devil” e “Confession of a Buddhist Atheist”. Para obter mais informações, visite seu site em: www.stephenbatchelor.org.